

LITERATURA BRASILEIRA

Oradores de São Paulo setecentista

HELLE ALVES

Se na Academia paulistana de 1770 a oratoria é menos significativa do que a poesia, já na de 91 o desnível é inexistente. Não são numerosos os discursos lidos nesses simposios laudatórios: cinco no primeiro e quatro no segundo, alguns bastante curtos. Em 70 falaram o presidente da Academia, José Gomes Pinto de Moraes, que na ocasião era juiz de fora da Vila e Praça de Santos, os frades Reginaldo Otavio da Encarnação Ribeiro e Joaquim de Sant'Ana Silva, o dr. Luis de Campos, prospero advogado paulista, e Manuel Pereira Crispim. Em 91 foram lidas, em português, quatro orações: duas do presidente do Senado da Câmara, Francisco José de Sampaio Peixoto, uma de José Arouche de Toledo Rendon e outra de José Vaz de Carvalho, além de dois discursos em latim, do conceituado latinista, professor do Padre Feijó, André da Silva Gomes.

Nenhum discurso da Academia dos Felizes foi claro ou objetivo, conciso ou coerente. Feitos de frases soltas e desconectadas, não obedeceram a nenhuma ordem de idéias, coesão ou sucessão de assuntos. O tema, contudo, foi comum a todos eles: a colocação da imagem e, principalmente, o sonho do Morgado. Uma unica exceção existiu, e deve ser assinalada: frei Reginaldo, que defendeu a origem nobre do capitão-general no problema "em que se disputou de onde resulta maior gloria a s. exa.: se de ser Morgado de Mateus, se de ser general desta Capitania de S. Paulo". Até mesmo frei Joaquim de Sant'Ana, o defensor do outro tema, preocupou-se exclusivamente com o fato de o governador colocar a imagem, não fazendo sequer uma alusão a algum ato administrativo.

Frei Reginaldo, com um discurso curto e simples, pode ser destacado como talvez o melhor orador dessa sessão literaria. Enaltecendo a nobreza lusitana, concatenou melhor suas idéias e obedeceu a uma ordem de exposição mais natural e incisiva. Vejamos, para exemplo, um pequeno trecho:

"Os povos não só admiram suas ações muito estimáveis e proprias de sua qualidade, mas também respeitam aquela honra com que do berço já se levantam illustres. Deste carater é o exmo. general desta Capitania, a quem o Nobiliario de sua antiga ascendencia e as ações hereditarias fazem mais respeitavel e mais digno das nossas estimações. Antes de ser General já se lhe devia todo o respeito, a estimação pela fortuna com que nasceu. Logo, senhores, maior gloria lhe resulta de ser Morgado de Mateus, que General desta Capitania".

Já o outro religioso nem sequer chega a afirmar sua tese, perdendo-se completamente em desculpas por suas poucas qualidades oratorias, aliás evidentemente comprovadas. Os discursos de Luis de Campos e Pereira Crispim são longos, enfadonhos, mal concatenados.

José Gomes Pinto de Moraes, o presidente da Academia dos Felizes era, na ocasião, juiz de fora da Vila e Praça de Santos e teve, no Brasil, vida movimentada e atribulada pois, tendo sido mais tarde nomeado ouvidor da Comarca de S. Paulo, desentendeu-se com o capitão-general. Seu discurso é pomposo e grandiloquente. Dirige perguntas pateticas ao auditorio e intencionalmente valoriza suas assertivas, com o proposito de comprovar ter sido sobrenatural o sonho do Morgado. Não consegue, porém, com frases de efeito, estilo rebuscado e constantes citações greco-latinas, esconder o mal-alinhado de sua exposição.

De outra categoria são as orações pronunciadas a 17 de dezembro de 91, na sessão literaria encomiastica a Bernardo José de Lorena. Tanto Arouche Rendon, homem culto e erudito como Sampaio Peixoto ou José Vaz de Carvalho, obedecem a uma linha de idéias, desenvolvendo-as ordenadamente e expondo com objetividade as suas teses.

Mas não só pela desenvoltura do discurso se destacam. Também os temas abordados tornam a oratoria de 91 um interessante documentario da época e das profundas modificações sociais, historicas e economicas por que passava a Capitania. Louvando o governador, abordaram as obras publicas que realizara e a orientação de sua administração. Falaram da construção do predio da Câmara e da Cadeia, do calçamento de varias ruas, do encanamento de agua e do chafariz do largo da Misericórdia, da construção do quartel da legião de Voluntarios Reais e do Teatro da Opera, do empedramento do caminho de Santos, do desenvolvimento da agricultura em larga escala — o que determinou o inicio da prosperidade economica — e de outros feitos do capitão-general.

Arouche, um dos paulistas mais illustres e dinamicos de seu tempo, foi mais tarde o primeiro diretor da Faculdade de Direito de S. Paulo, fundada em 1827. Também foi o introdutor da cultura do chá e do café na Capitania e trabalhou ativamente pela causa da Independencia. Em 1791 já demonstra as qualidades que fizeram dele um dos vultos mais expressivos da historia de S. Paulo. Tanto pelos seus poemas como pelo discurso que pronunciou em torno do problema academico "Ao Ilmo. e Exmo. General, de onde resulta maior gloria. Se como aluno de Marte, ou se como de Minerva, constituído herói pelas armas ou graduado nas letras", revela Arouche algumas qualidades literarias, além das de homem de empresa e militar, politico e jurista que demonstrou mais tarde.

Como orador, fez um discurso erudito e habil, buscando inspiração classica para aplicação à realidade de seu tempo. Esse discurso, encontrado entre os seus papeis, foi publicado como peça avulsa na coletanea "Documentos Interessantes" (vol. 44). Somente depois de ter o prof. Soares Amora descoberto

o código da Academia do Senado da Câmara é que esta oração foi identificada como o discurso problematico lido por Arouche naquele simposio. Dando relevo à cultura e à capacidade administrativa de Bernardo Lorena, oferece ele um quadro bastante nitido da realidade paulista de então. Como exemplo de seu estilo, vejamos a descrição que faz das pessimas condições do caminho de Santos:

"Aquela soberba e descalvada serra, que impedindo ali o passo do oceano, sobre ele arroja de seu umido seio tremendos rochedos contra as ondas; que, servindo de inacessível muralha aos inimigos do nosso pais, apenas nos dava difficilissima passagem; que nos fazia tributarios até da

vida de alguns homens que ali desgraçadamente pereceram, cujas descarnadas canas, jazendo insepultas, eu vi confundidas em montões de ossos de animais quadrupedes que ali morriam; aquela serra onde, cercando-me os olhos uma tormentosa noite, ora rolando entre pedregulhos soltos, ora submergindo em lama, eu vi quase chegado o termo fatal de minha existencia; aquela mesma serra, horror antigo dos viandantes, é hoje, Senhores, a mais comoda e mais fortificada estrada que nós temos. Ela só basta para levar aos seculos futuros a memoria deste grande heroi."

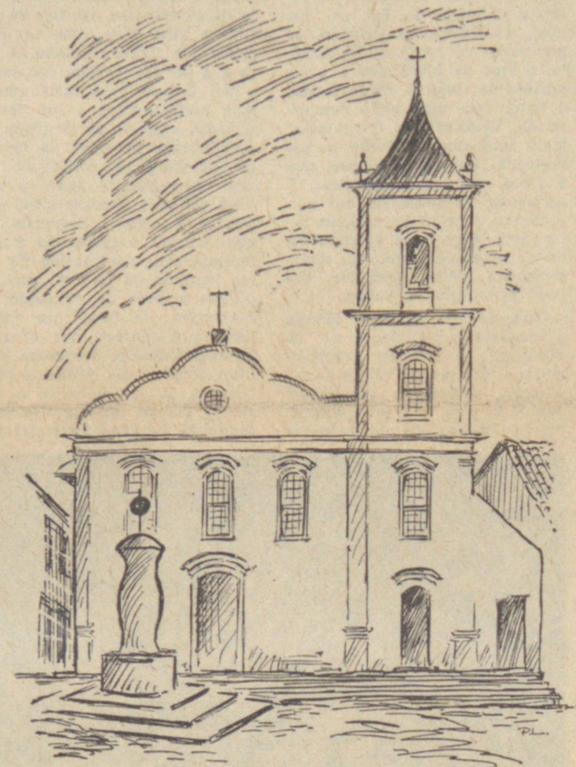
Já o presidente da Academia, Sampaio Peixoto, é menos imaginativo. Sua linguagem é es-

pontanea e "desenfeitada", expressão com que ele a classificou. Mas aborda com objetividade os seus temas. Pronunciou duas orações, uma longa, de abertura dos trabalhos, e outra curta e pessoal, de encerramento. Sem pretensões literarias, faz, no entanto, uma análise clara da administração de Lorena e das condições sociais e economicas da Capitania. Como todos os outros academicos, sua posição é encomiastica e os louvores, tecidos com seriedade e respeito. Isto conforme as normas da época, aliás muito bem situadas por Soares Amora em seu estudo "Parnaso e Policia" (Revista "Investigações", n. 30 pag. 51), sobre a Academia de 91: "No climax do regime absolutista o sudito reverente via sempre, sincera ou insinceramente, não importa, na pessoa investida e revestida da maxima autoridade, o objeto da mais alta e respeitosa homenagem; e de todos os seus atos não via, por reverencia, os maus; apenas agradecia rendidamente, em tom de submisso afeto, os bons".

Dentro dessa posição, dá Sampaio Peixoto um testemunho precioso de muitos acontecimentos que alteravam completamente a vida na Capitania de S. Paulo, naqueles anos. Além das outras obras do governador, esclarece em seu primeiro discurso como se iniciou, e em que época, a agricultura em larga escala, atribuindo os meritos do desenvolvimento economico paulista a Bernardo Lorena.

O discurso problematico de José Vaz de Carvalho oferece uma ultima prova de que nenhum dos oradores desta Academia do Senado da Câmara pode ser comparado a qualquer dos "Felizes". Defendendo a maior importancia das armas em relação às letras e desinteressado dos problemas da Capitania, José Vaz fala como português e sua oração revela uma certa agressividade, que tanto pode ter sido provocada pelo respeito ao talento de seu opositor — Arouche — como por estar o orador em minoria, já que tanto os poetas como os oradores do Senado da Câmara fixaram uma posição de certa forma nativista, louvando a administração de Lorena e o seu saber, muito mais que os interesses lusitanos.

Esta foi, aliás, uma característica precipua da Academia de 91 que, empenhada em enaltecer a cidade, através das obras do governo, teve um nitido sentido emancipacionista e regional.



O Chafariz da Misericórdia, cantado pelos poetas e oradores da Academia de 91, ano em que foi construido. Traslado em 1886 para o largo de Sta. Cecilia, foi demolido em 1903 (Croquis de P. de Lara)

A implantação do ficcionismo

RUI MOURÃO

III

É fácil compreender que, já transformado em expressão escrita e sendo, por força dessa sua nova condição, obrigado a se orientar num sentido realista, o ficcionismo, no primeiro momento, estava longe de poder tomar consciência do problema. Além da sua tradição que, formada no domínio oral, consagrava, como vimos, tendência rigorosamente oposta, existia o exemplo desnortante da poesia, que passou ilesa para o texto de leitura. Os cantos de Homero, que se mantêm vivos até hoje, por exemplo, tendo brotado da boca de um cego que percorria o seu país e havendo, por longo tempo, povoado as consciências como simples lendas ou relatos glorificadores da bravura de seus heróis, se conservaram intactos depois de compilados através do alfabeto. Agravava a circunstancia o fato de ser puramente narrativa a poesia da época. Se a história de Ulisses despontara vitoriosa na outra margem, por que se deveria preocupar com o problema da sobrevivência das demais narrativas?

O que não podia acudir a ninguém era a profunda diferença que separa o campo da ficção e o da poesia. Os poemas subsistiram à adoção da escrita simplesmente porque, em essência, não ocorreu modificação no seu processo de comunicabilidade. Falado ou não, o verso se mantém inalterável para a percepção. As experiências atuais com o espaço gráfico vieram oferecer nova perspectiva a esse respeito mas, dentro do momento histórico que interessa ao nosso raciocínio, o problema estava inteiramente fora de cogitação. É preciso reconhecer que a poesia recitada, em larga escala, era poesia declamada, e neste caso um espetáculo de comprometimento físico sempre se oferecia à contemplação dos auditantes. A verificação da ocorrência, entretanto, em nada pode comprometer a procedência do nosso enunciado, uma vez que a iniciativa declamatória não participa da essência do fenômeno poetico. E a explicação dessa verdade pode ser encontrada na simples aproximação dos generos artisticos que convivem com a representação, convivem ou dela dependem fundamentalmente. Na fabulação romanesca como no teatro, o que se faz é exemplificar uma forma de estar, e aí a encenação, elemento naturalmente explicativo, colabora decisivamente no processo expressivo, porque o ideal da exemplificação é tornar-se tanto mais convincente quanto possível; na poesia, o que se busca é sintetizar uma forma de ser, e aí a encenação permanece excedente, porque a síntese é aquilo que se completa por si mesmo e qualquer tentativa de sua maior explicação não vai além de detestável preocupação impressionista. O narrador de um conto oral, ainda que não apellese para os recursos da mimica e se mantivesse absolutamente imóvel, não deixaria de estar contribuindo com uma encenação indispensável à percep-

ção do relato, desde que a noticia que ele encadeava dizia respeito a uma forma de estar e a consciência do ouvinte, na operação de unificar o objeto intelegido, inevitavelmente englobado a forma de estar que era oferecida à sua frente naquella que a referência verbal ia revelando; o declamador de um poema, por maior que fosse o aparato de seus recursos teatrais, jamais provocaria idéntico efeito, desde que o ouvinte não se encontrava com a consciência orientada no sentido de compreender uma forma de estar, tudo o que tendesse a denunciar essa condição ele poria automaticamente de lado, a sua inteligência se achava alerta apenas para captar a síntese de uma forma de ser. A declamação, quando muito, pode ser considerada como arte paralela à poesia, na mesma relação existente entre a musica e a dança; o verso é entidade que independe da pessoa que o exprime. Por outro lado, é preciso que se esclareça, a circunstancia de ser narrativa a poesia da época em nada altera os dados do problema. Poesia narrativa é apenas aquela que ainda não conseguiu maior condensação expressional e se vale ainda de imagens elementares: utiliza as aparências do transitório, mas com o fito exclusivo de retratar o permanente. Suas figurações são intemporais. Ela diz por parábolas.

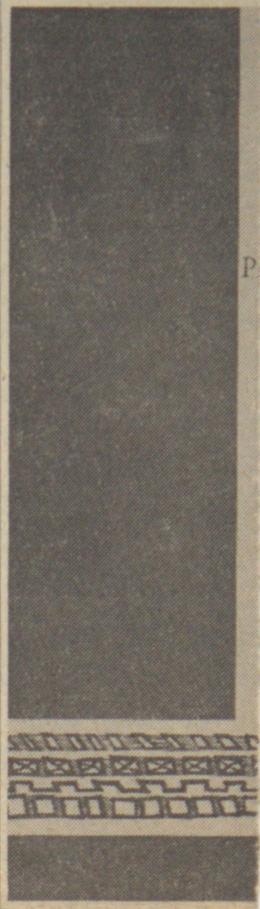
Sem o discernimento que os mantivesse avisados para todas essas questões e assistindo à vitória da poesia sobre o novo processo expressivo, os ficcionistas que começaram a escrever as suas historias naturalmente foram levados a imitar o poema. Procedendo ao inverso dos poetas narrativos, movendo-se para fixar o transitório e desejando alcançar esse objetivo através de uma síntese não circunstancial, quer dizer, procurando fixar a eternidade do transitório, o que empreenderam foi a idealização do transitório. A ação, a honra, o dever, etc., todas aquelas projeções humanas que dão conteúdo à hora que passa, deixaram de constituir elementos revelados através do individuo, para se apresentarem como abstrações independentes e perenizadas. A historia não continuava mais sendo feita sobre o homem, ser fragil e mortal, mas sobre tais idealidades; começaram a surgir romances sobre a ação, sobre a honra, sobre o dever, etc., os quais revelavam uma humanidade de fantoches em luta fanatizada para se apegar a um sonho inatingível, identificado como a suprema forma de vida sobre a terra. O homem tinha que se transformar em instrumento daqueles ideais para ultrapassar as suas limitações, para se alçar fora do tempo. O atraso científico, a falta de uma concepção mais objetiva do proprio globo, que funcionava como forte estimulante para as imaginações, quase sempre se figurando ao lado mesmo do misterio e das existencias fantasticas, somado ao condicionamento das filosofias idealistas que proliferavam na época, era caminho aberto para que a tendencia fosse levada até

ao paroxismo. Buscando aproximar-se de poesia heroica dos gregos, cuja visão cosmogonica do universo atingia os limites do maravilhoso, a ficção foi encontrar no heroismo a comprovação total do seu desvio como instrumento de expressão do homem, porque aquella entidade de que se occupava não passava de um vislumbre deste. É o momento em que aparece "D. Quixote", levantando a caricatura de um periodo que encerra, fazendo romance do romance e realizando, portanto, a primeira auto-critica do genero. A obra de Cervantes representou verdadeiro chamado à ordem. Sob a espada do cavaleiro da Mancha, ruiu por terra o castelo fantastico com que os ficcionistas inadvertidamente se iludiam. Uma caminhada em sentido inverso marcaria, de agora em diante, o desenvolvimento da ficção: o realismo significava o retorno às fontes da vida. A ordem era devastar os falsos supports de um pensamento flutuante, apagar a chama da atração alucinada dos visionarios, que desejaram se enxergar além da sua propria medida e acabaram erguendo foi a imagem da sua fraqueza e da sua inconsequencia, refletida na inutilidade de uma criação; o homem ressurgiu comandando os acontecimentos e, nas trilhas mais obscuras e sem gloria, no purgatorio do cotidiano mais simples e humilde, ia tentar a restauração da sua grandeza perdida.

A historia, que se transformara em anedota, com a descoberta da escrita, e que só se sustentava através de um sentido exterior, começou a ganhar significação interna, na medida em que reproduzia os aspectos da vida. Mas esse elemento foi imediatamente condicionado por aquela exterioridade, em virtude de não se haver cogitado de romper as barreiras dessa estrutura. A preocupação inicial foi simplesmente a de injetar-lhe carga tanto maior quanto possivel de realismo, sem se indagar de sua eficacia para a expressão da realidade; o conteúdo ficou, desta maneira, aprisionado numa idéia, num delineamento concebido a priori, porque não vinha para valer por si mesmo, vinha para servir a uma organização que se tinha empenho em sustentar, surgia apenas para tornar convincente a historia. E como esta, de acordo com a nossa demonstração, não ia além de logica exterior ordenadora, quer dizer, de julgo perfeito, com as suas premissas e conclusões, segue-se que impunha era uma forma racional para a apreensão do real; fixava de antemão um criterio para a procura desse, selecionando os seus aspectos. Ora, racionalizar é limitar e selecionar constitui o proprio metodo científico. Munida de significação interna e externa, mas bloqueada em qualquer desses planos pela logica, a historia se encontrava impossibilitada de chegar a uma compreensão integral da vida e não fazia mais do que experimentar atingir esse resultado pelo caminho da ciencia, através do estabelecimento de conceitos.

A preocupação racionalizante

A SE E OS



Edição

As idéias de Sêneca a r sua projeção no mundo cor lise, o tema colocado e deb Besselaar em "O Progresso da aula inaugural na cadeir na Faculdade de Filosofia autentico ensaio de um hum concordem com as conclusões o alto nivel em que o problema. Atende-se, por exte o ensaista sustenta no conce bre o eticismo, e a sua aplico observa que "como todos os épocas. Sêneca percebe muit mos não é dominado pela r r tintos e pelos ressentimentos têm força decisiva". Veja-se, teiam determinados regime acentua que é através das dos seus líderes, que a hum melhor. E conclui: "Deus, re se da comedia humana para divino..." Anotações e refer obra. (Edição da Faculdade d na Setti).

Do pensador latino, passe ro: Euclides. O crescente inte Sertões" é deveras auspicioso, dignidade de escritor — de utada existencia, logrou mantei tudo é contraditorio, incerto cia de criador de uma obra q que nela penetram. O amor q mais estranhos que nos parec Euclides, esse amor o redim certa maneira, põe em relevo do com que abre o seu "Eu. lidos", antologia que prepar tos e idéias — observa o au obra, é tal o poder do artista importancia á proporção que objetivamente as multiplas f Euclides, e os pontos positivo de, o ensaista afirma, com i Sobretudo para as gerações at do de S. Paulo" assume um vi frustrada na engenharia, na c figura-se, engrandece-se num. á nossa terra e á nossa gen trastes e Confrontos" e de ' o util volume. (Editora Agir

"Hitler — Anatomia de man, é obra de leitura oportu bras ameaçam a liberdade. N um testemunho sobre os ex vos, o obscurantismo e os mundo. O autor, baseando-se os principais episodios da e lhe as particularidades psico compreender melhor muitos mecanismo da monstruosa fo milhões de seres. Ao mesmo dro do desenvolvimento do n após Hindenburg, passando p guerra mundial. Assistimos, a nova Idade Media nazista. t pela supressão da liberdade da imprensa livre, os campo mais terríveis exemplos de, trada pela historia. Embora gação, estamos, também, dia que amam a liberdade devera as ditaduras é aberto pela i arbitrariedades mascaradas da empresa "Exposição do

NOVO ROMANCI

Motivos varios levaram para o segundo semestre "trato da Morle", há tempos lume da discutida serie "T cista de Petropolis se prop da sociedade brasileira cor

NOVA EDIÇÃO DE

Numa edição de 45.000 raiva" acaba de lançar "Fla que nos ultimos meses tem didos no País. Nessa obra, Academia Fluminense de I mais remotas do mundo, mesmo tempo, focalizando como, por exemplo, o da g e em outros centros, com lida em sua viagem ao r "Coleção Saraiiva" será "O um dos criadores do roma

foi conduzida a extremo tal d tro da historia, que acabou estabelecer certos principios variaveis para a sua arquitetura. Ficou com os seus movimer preestabelecidos, seu ritmo graduação especificados. Dep de iniciada, caminhava em asão, traçando a sua curva, ra começar a cair depois do ce e vir se fechar sobre si r ma, encerrando o circulo. ciada que fosse a sua leit apenas um capricho impunh continuação, porque o fim podia ser previsto. O seu o namento construtivo era rig so e invariavel e de tal so que, se isso não ocorresse, tr o conjunto soaria falso. Ne altura, ela havia criado a propria realidade: uma realid, á parte, portanto, uma falsid. Tornara-se definitivamente e venção arbitraria; não ambic